Cris Orzil

PORTUGUÊS

para Concursos

6ª edição

- Gramática
- Interpretação de Textos
- Redação Discursiva
- Redação Oficial

2027

EDITORA JUSPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

CAPÍTULO 4

Gêneros textuais

Gêneros textuais são grupos de textos que seguem mais ou menos o mesmo padrão, isto é, apresentam estrutura, características e funções semelhantes.

Cabe ressaltar que a classificação de um texto de acordo com a predominância em relação ao tipo (estudado no capítulo anterior) não exclui a classificação desse mesmo texto em relação ao gênero.

Ademais, diferentemente da tipologia, não existe um limite definido para a classificação de um texto em relação ao gênero, pois, a cada dia, podem surgir novos gêneros textuais. Os mais comuns são aqueles pertencentes aos gêneros lírico, épico e jornalístico, sendo o último o mais cobrado em provas de concurso.

Para se ter uma noção mais clara em relação aos gêneros, imaginemos uma receita. O que faz com que identifiquemos aquele texto como uma receita? Modo de preparo, ingredientes, quantidade, instruções de como proceder à preparação de determinado alimento e verbos flexionados no imperativo – aqueles que servem para dar ordem, conselho, pedido, orientação -, como "prepare", "misture", "mexa". Esse conjunto de elementos é que faz com que todos os textos que possuem essas mesmas características sejam chamados de RECEITA.

Se imaginarmos uma POESIA, por exemplo, constataremos que também existe um conjunto de características inerente a ela: normalmente, elaborada em versos, utiliza recursos de sonoridade, explora a linguagem conotativa e possui função de transmitir e provocar emoções/ sensações, tendo como matéria-prima a palavra.

Se pensarmos agora em um texto que tenha por objetivo informar, que seja estruturado por meio de um relato de fato que tenha ocorrido recentemente, daremos a esse texto o nome de NOTÍCIA.

Já uma história narrada, em que os personagens se comportam como seres humanos e, ao final, fosse apresentada uma moral? Daríamos a esse texto o nome de FÁBULA.

Observa-se, dessa forma, que os textos receberão nomes de acordo com esse conjunto de elementos que faz com que sejam enquadrados em um grupo de semelhantes. É importante, agora, focarmos, então, os gêneros jornalísticos, isto é, aqueles que encontramos em revistas, jornais e até mesmo em *sites* e que recebem o nome genérico de MATÉRIA. Vamos lá?

1. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

1.1. Notícia

A notícia é um texto informativo que relata um fato que tenha ocorrido recentemente, sendo normalmente composto por lide e corpo. O **lide** é uma introdução que funciona como uma espécie de resumo do fato em questão e costuma abordar aspectos essenciais, como: o quê, quem, quando, como, onde e por quê. Já o **corpo** apresenta o desenrolar do fato, de maneira mais desenvolvida, mais detalhada e contém, normalmente, citações (marcadas por aspas ou por letras em itálico) de pessoas envolvidas no fato. Tais citações, que configuram um caso de discurso direto, servem para enriquecer o texto, por atribuírem mais credibilidade, mais veracidade ao que está sendo relatado pelo enunciador.

Com relação ao tipo de linguagem, podemos dizer que textos pertencentes a esse gênero utilizam a variedade padrão da língua, de maneira objetiva e impessoal, dando preferência a termos e expressões empregados no sentido denotativo.

Às vésperas do Natal, governo anuncia pacote para estimular crédito.

IOF de pessoa física em empréstimos e IPI da linha branca caem. Medidas já passam a valer a partir desta quinta-feira.

Alexandro Martello Do G1, em Brasília.

Preocupado com a desaceleração da economia brasileira em meio à crise financeira internacional, o governo anunciou nesta quinta-feira (1) um pacote de medidas para estimular os empréstimos dos bancos para a população e, consequentemente, aumentar o consumo das famílias.

Todas as medidas foram publicadas hoje em edição extra do Diário Oficial e já passam a valer a partir desta quinta-feira.

"Vivemos hoje no mundo situação complicada, com várias economias 'patinando', ou seja, com baixas taxas de crescimento. Não deixaremos que a crise internacional contamine a economia brasileira, que se distingue das outras economias. Continuaremos com crescimento. Estamos nos preparando para

um 2012 com crescimento de 5%. Essa é a nossa meta, mesmo com a crise. Temos condição de tomar as medidas para que a economia continue crescendo", declarou o ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Ele acrescentou que novas medidas podem ser tomadas no futuro. "Na medida que for necessário, tomaremos novas medidas para que o mercado brasileiro continue forte e que os investimentos continuem ocorrendo no Brasil", declarou.

IPI da linha branca

Segundo ele, o governo decidiu reduzir o Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre os produtos da linha branca, como geladeiras, fogões e máquinas de lavar. Essa medida já havia sido tomada, em 2008, na primeira etapa da crise financeira e, posteriormente, foi revertida.

No caso do fogão, a alíquota do tributo passou de 4% para zero a partir desta quinta. Para a aquisição de geladeiras, o tributo foi reduzido de 15% para 5% e, para as máquinas de lavar, passou de 20% para 10%. Para tanquinhos, o IPI recuou de 10% para zero. O imposto reduzido vale até março de 2012. Os produtos beneficiados são aqueles com selo "A" de qualidade energética, disse Mantega.

Outra desoneração anunciada pelo governo federal é a redução do IPI incidente sobre palha de aço de 10% para 5%. O imposto foi zerado para papel sintético. Antes, a alíquota era de 15%. [...]

(Fonte: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/12/na-vespera-do-natal-governo-anuncia-pacote-para-estimular-credito.html>. *Acessado em 21 de abril de 2017)*

1.2. Reportagem

A reportagem pode ser considerada um texto mais rico em informações em relação à notícia. Isso porque ela poderá tratar de uma diversidade maior de assuntos, como fatos ocorridos recentemente, fatos permanentes da atualidade, eventos futuros (hipotéticos ou necessários), assuntos ligados à saúde, política, ciência, religião, economia, etc. Além disso, o gênero em questão não faz uma análise tão superficial dos fatos, como ocorre no caso da notícia. O assunto abordado é trabalhado de forma mais profunda, mais complexa, analisam-se dados, números, resultados de pesquisas, diferentes pontos de vista em relação ao tema, poderão ser colocados *boxes* informativos, mapas, tabelas, citações, além de possíveis interligações estabelecidas entre o fato principal e fatos paralelos.

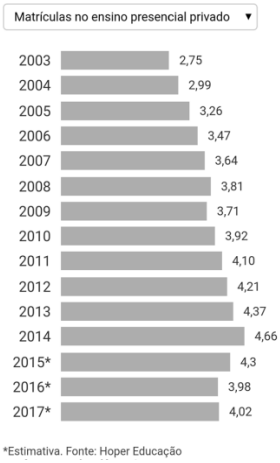
No que concerne à linguagem, assemelha-se à notícia, por utilizar a variedade padrão da língua de modo objetivo e impessoal. Veja exemplo!

Educação a distância cresce apesar da crise; veja gráficos.

Joana Cunha, de São Paulo
14/06/2016 17h09

A educação a distância, que sempre teve tíquete-médio baixo, volta a ser opção neste momento em que a crise afetou a renda, e as condições do Fies para o aluno se deterioraram.

Estudos da Hoper Educação mostram que essa modalidade de ensino ficou mais resistente à crise do que a educação presencial.



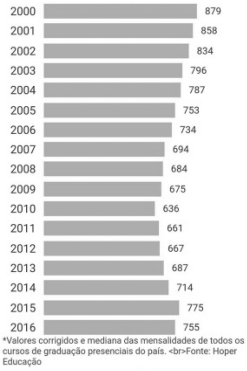
A nova movimentação de fusões e aquisições no setor de educação superior privada pode pressionar os valores das mensalidades, segundo especialistas.

Nos últimos dias, a Kroton, líder do setor, e a Ser Educacional, uma das dez maiores, tornaram públicos seus interesses em se juntarem à fluminense Estácio.

Uma pesquisa de maio do departamento de estudos econômicos do Cade conclui que, embora os ganhos de escala permitam redução de custos, essa queda só será repassada ao consumidor na forma de diminuição de preços se, após a fusão, o mercado "mantiver níveis razoáveis de rivalidade e possibilidade de entradas suficientes para estimular a concorrência e a distribuição".

ESTUDO PAGO

Valor das mensalidades do ensino superior, em R$ milhões

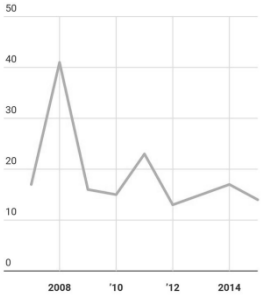


O setor registrou um aumento significativo nos preços a partir de 2011 e que se intensificou, segundo William Klein, da Hoper, por dois fatores: a euforia da economia brasileira registrada nos últimos anos pelos incentivos do governo e o Fies, que levou muitas pessoas que estavam fora da educação a buscar um curso superior.

"As instituições souberam trabalhar o marketing muito bem para inserir a maior quantidade de alunos no Fies. Na virada de 2014 e 2015 a crise começa a afetar os preços na outra direção, além das mudanças nas regras do Fies", diz Klein.

FUSÕES NA EDUCAÇÃO

ESTUDANTE CONCENTRADO
Quantidade de fusões e aquisições no Brasil

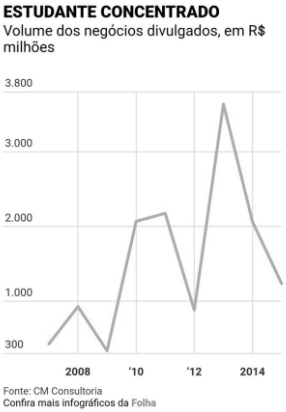


Os principais movimentos de fusões e aquisições realizados entre 2007 e junho de 2016 no mercado de ensino superior brasileiro totalizaram 173 negócios com volume em torno de R$ 13,77 bilhões, conforme levantamento da CM Consultoria, especializada no setor.

A evolução do mercado de educação superior se deu em um período muito curto. De acordo com levantamento do departamento de estudos econômicos do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), 80% dos atos de concentração ocorreram entre 2008 e 2013.

A princípio, os movimentos de consolidação das empresas do setor não deram sinais de que poderiam prejudicar o ambiente concorrencial, mas, conforme o levantamento, "à medida em que se avolumaram, as análises tornaram-se mais complexas, demandando maior aprofundamento em temas como barreiras à entrada e rivalidade."

Até o fim de 2015, o Cade analisou 62 operações no setor.



(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1781529-educacao-a-distancia-cresce-apesar-da-crise-veja-graficos.shtml>*.- Acessado em 11 de abril de 2017)*

1.3. Artigo de opinião

Trata-se de texto opinativo, argumentativo, desenvolvido por um articulista, que tem como objetivo a defesa de uma tese em relação a determinado assunto. Ao longo do texto, o enunciador propõe discussão a respeito de sua tese, utilizando argumentos que sustentam a ideia que está sendo defendida por ele e que levam, por meio de raciocínio lógico e coerente, a uma conclusão sobre o tema.

É estruturado, normalmente, com uma **introdução**, parte em que o articulista irá abordar o assunto e, possivelmente, posicionar-se diante dele;

desenvolvimento, trecho em que o autor utiliza fundamentos para justificar sua tese; e **conclusão**, na qual o enunciador retoma de forma sintética o tema e costuma revelar uma última reflexão ou mesmo uma possível solução (caso o assunto esteja relacionado a um problema).

Essa estrutura é elaborada em função de um dos grandes objetivos desse gênero textual: a persuasão, o convencimento. Dessa forma, o articulista se vale de estratégias argumentativas a fim de que sua tese ganhe adesão do interlocutor.

Em relação a essas estratégias argumentativas, repetiremos aqui algumas já citadas, quando tratávamos do tipo textual argumentativo. Outras (em negrito) podem ser identificadas, em especial, em artigos de opinião, como recursos persuasivos que podem promover uma interação mais próxima com o leitor.

- citações de estudiosos e cientistas do ramo;
- resultados de pesquisas realizadas por instituições respeitadas, como IBGE, Datafolha;
- posições tomadas por pessoas conhecidas e também respeitadas, como professores de universidades famosas, pesquisadores, filósofos e sociólogos; (As organizadoras costumam se referir a este item como "testemunho ou argumento de autoridade".)
- leis;
- números e estatísticas a respeito do assunto desenvolvido;
- comparações, analogias, contrastes;
- relação causa/consequência;
- exemplos notórios, principalmente aqueles que tenham circulado na mídia;
- questionamentos/indagações;
- intertextualidade (assunto que trataremos adiante);
- fato histórico;
- perguntas retóricas (para propor reflexão);
- **uso da primeira pessoa do discurso (especialmente a do singular), em se tratando de verbos e pronomes;**
- **uso de uma espécie de "modéstia", para tornar o texto mais convidativo, mais acessível;**
- **utilização de algumas palavras e expressões no sentido conotativo, neologismos ou termos e frases com um caráter mais informal, coloquial;**

- **verbos no imperativo e vocativo, especialmente no singular, no intuito de criar aproximação com o interlocutor/leitor.**

Em relação à linguagem, podemos dizer que o artigo de opinião possui aspectos menos rigorosos, se comparado aos outros gêneros jornalísticos estudados até aqui. Embora a maioria dos termos seja empregada em seu sentido literal, a linguagem figurada também costuma estar presente.

Observe o texto a seguir, que já esteve presente em uma prova de concurso público, procurando observar as características estudadas inerentes ao artigo de opinião.

ALTERIDADE

O que é alteridade? É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.

A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. Toda a estrutura do ensino no Brasil, criticada pelo professor Paulo Freire, é fundada nessa concepção. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e aqueles que não foram à escola sabem outras tantas, e graças a esta complementação vivemos em sociedade. Como disse um operário num curso de educação popular: "Sei que, como todo mundo, não sei muitas coisas".

Numa sociedade como a brasileira, em que o apartheid é tão arraigado, predomina a concepção de que aqueles que fazem serviço braçal não sabem. No entanto, nós que fomos formados como anjos barrocos da Bahia e de Minas, que só têm cabeça e não têm corpo, não sabemos o que fazer das mãos. Passamos anos na escola, saímos com Ph.D, porém não sabemos cozinhar, costurar, trocar uma tomada ou um interruptor, identificar o defeito do automóvel... e nos consideramos eruditos. E o que é pior, não tem equilíbrio emocional para lidar com as relações de alteridade.

Daí porque, agora, substituíram o Q.I. para o Q.E, o Quociente Intelectual para o Quociente Emocional. Por quê? Porque as empresas estão constatando que há, entre seus altos funcionários, uns meninões infantilizados, que não conseguem lidar com o conflito, discutir com o colega de trabalho, receber uma advertência do chefe e, muito menos, fazer uma crítica ao chefe.

Bem, nem precisamos falar de empresa. Basta conferir na relação entre casais. Haja reações infantis...

Quem dera fosse levada à prática a idéia de pelo menos, a cada três meses, um setor da empresa fazer uma avaliação, dentro da metodologia de crítica e autocrítica. E que ninguém

ficasse isento desta avaliação. Como Jesus um dia fez, ao reunir um grupo dos 12 e perguntou: "O que o povo pensa de mim?" E depois acrescentou: "E o que vocês pensam de mim?"

Quem, na cultura ocidental, melhor enfatizou a radical dignidade de cada ser humano, inclusive a sacralidade, foi Jesus. O sujeito pode ser paralítico, cego, imbecil, inútil, pecador, mas ele é templo vivo de Deus, é imagem e semelhança de Deus. Isso é uma herança da tradição hebraica. Todo ser humano, dentro da perspectiva judaica ou cristã, é dotado de dignidade pelo simples fato de ser vivo. Não só o ser humano, todo o Universo. Paulo, na Epístola aos Romanos, assinala: "Toda a Criação geme em dores de parto por sua redenção".

Dentro desse quadro, o desafio que se coloca para nós é como transformar essas cinco instituições pilares da sociedade em que vivemos: família, escola, Estado (o espaço do poder público, da administração pública), Igreja (os espaços religiosos) e trabalho. Como torná-los comunidades de resgate da cidadania e de exercício da alteridade democrática? O desafio é transformar essas instituições naquilo que elas deveriam ser sempre: comunidades. E comunidades de alteridade.

Aqui entra a perspectiva da generosidade. Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível – porque se tirar essa via caio no colonialismo, sou – a via do amor, se quisermos usar uma expressão evangélica; a via do respeito, se quisermos usar uma expressão ética; a via do reconhecimento dos seus direitos, se quisermos usar uma expressão jurídica; a via do resgate do realce da sua dignidade como ser humano, se quisermos usar uma expressão moral. Ou seja, isso supõe a via mais curta da comunicação humana, que é o diálogo e a capacidade de entender o outro a partir da experiência de vida e da sua interioridade.

(Fonte: Frei Betto. Jornal Estado de Minas. Julho de 2009. Caderno Opinião, p. 4)

1.4. Crônica

A crônica pode ser considerada o gênero do limite entre FICÇÃO e REALIDADE, JORNALISMO e LITERATURA. Isso porque poderá ser encontrada em livros literários ou em veículos de comunicação, como jornais e revistas. Além disso, embora procure criticar ou propor reflexão sobre assuntos da realidade, como comportamentos, posturas, valores, fatos da atualidade, poderá se valer da ficção, de histórias inventadas. Tais aspectos revelam a crônica como um gênero menos delimitado, mais "solto", mais abrangente, menos padronizado.

No que diz respeito à linguagem e à semântica, podemos dizer que a crônica trabalha com termos tanto no sentido denotativo, quanto no sentido conotativo. Poderá também explorar humor, ironia, sarcasmo, poesia, além de poder produzir **polifonia**[1].

A crônica pode ser:

- **descritiva:** quando caracteriza seres em um espaço vivo, como uma tela de pintura;
- **narrativa:** é desenvolvida por meio de uma história que normalmente narra acontecimentos triviais, do cotidiano, no intuito de provocar reflexão do leitor;
- **dissertativa:** desenvolve-se como texto argumentativo, com apelo, geralmente, ao sentimentalismo;
- **lírica-emotiva:** faz uso de função expressiva/emotiva, com linguagem poética, expressão dos sentimentos e exploração da conotação;
- **humorística:** provoca humor ou ironia, em geral, por meio de relato ou comentário, fazendo uso, normalmente, de linguagem informal;
- **reflexiva:** possui tom filosófico e divaga sobre assuntos diversos;
- **jornalística:** noticia assuntos, como esportes e política;
- **histórica:** inspirada em fatos históricos.

Os dois textos que veremos como exemplos adiante mostram que a crônica pode ser estruturada de duas maneiras diferentes: por meio de uma estrutura narrativa (CRÔNICA 1) ou por meio de uma estrutura argumentativa (CRÔNICA 2), sendo esta mais comum em jornais e revistas, casos nos quais o cronista assume e defende determinado ponto de vista. Veja os textos!

1. A POLIFONIA consiste na presença de várias vozes dentro de um mesmo texto. Quando construímos um texto, não pensamos apenas em nós mesmos, pois normalmente o escrevemos para que outras pessoas possam lê-lo e interpretá-lo. Dessa forma, a construção realizada é feita de modo que a voz do locutor e a do(s) interlocutor(es) estejam presentes naquele discurso que está sendo elaborado. Isso significa que um mesmo locutor poderá colocar em seu texto sujeitos enunciadores com pontos de vista distintos. Tais sujeitos poderão ser representados por personagens, que terão a possibilidade, por meio de suas falas, de sustentar suas opiniões com a utilização de argumentos. Isso viabilizará a possibilidade de serem vistos como representantes de toda uma coletividade que tem interesses em comum.

CRÔNICA 1

Olho de menino triste

Duas pessoas que não conheço dialogam no ônibus e participo, em silêncio, ouvindo e pensando. Adorável conversa a três na qual apenas dois falam.

M-1 é a moça um. M-2 é a moça dois, a interlocutora. A-T sou eu. Elas conversavam, eu ouvia e pensava.

M-1 – Nada me comove mais que olho de menino triste. Você não tem vontade de chorar?

M-2 – Ah, minha filha, eu nem olho muito. De triste já chega a vida. Finjo que não vejo e só reparo os meninos alegres, aqueles comunicativos. Criança, para mim, tem que ser feito aquelas dos anúncios: sempre perfeitas, fortes, gordas, engraçadinhas e modelares.

M-1 – Também acho, mas quando vejo uma criança de olho triste, não consigo me desligar do que ela estará pedindo sem falar. Fico numa agonia danada querendo adivinhar qual é o seu problema. Tenho certeza de que ninguém alcança.

A-T – *Não adianta, moça. O inconsciente humano, assim como carrega o passado do homem e da espécie, também tem germens de antecipação do futuro. As dores da humanidade, presentes, passadas e por vir, já acompanham algumas pessoas. E modelam seus rostos, olhos e mensagens corporais silenciosas...*

M-2 – Deixa isso pra lá. A gente não vai salvar o mundo, mesmo. Se você ficar sempre olhando o lado triste quem acaba na fossa é você e sem nenhum proveito. Fossa pega, menina. E quem fica na fossa não tira ninguém dela. Sei lá. Se você ficar triste, por causa dele, o menino de olho triste vai ficar mais triste ainda.

M-1 – Pode ser que você tenha razão. Mas se fico negando a parte triste e transformo tudo em alegria, tenho a sensação de estar enganando minhas crianças (*nessa hora, percebi que ambas eram professoras*). O que é que vou fazer, se lá no colégio sinto mais simpatia pelos que ficam quietinhos, morrendo de medo dos outros, loucos de vontade de brincar, mas sem coragem de se enturmar.

A-T – *Esses vão ser assim sempre. Claro que terão, na mocidade, um período de reação, no qual tentarão se extroverter e nesse afã seguramente hão de exagerar. Lentamente, porém, como um rio após a enchente, voltarão para o leito de sua disposição inata e seguirão pela vida sempre olhando os brinquedos do lado de fora da vitrina.*

M-2 – Bobagem sua. Com jeito, você pode ir atraindo os mais encabulados para a brincadeira dos outros. Se eles sentem que você está com peninha, nunca vão reagir. Vão é se basear na sua pena para ficar ainda mais tristes.

M-1 – E você pensa que não tenho tentado? É que observei que os meninos tristes, mesmo quando incentivados a brincar com os demais, acabam voltando ao que são, dentro da brincadeira. Os mais alegres e soltos sempre levam a melhor. Fico pensando se não seria o caso de se inventar uma pedagogia especial para a sensibilidade. Não há currículo? Não há nota? Não há teste de inteligência e de habilidades psicomotoras? Se tudo isso é importante, por que a escola não inventa, também, um tipo de currículo ou de pedagogia ou até mesmo escolas especiais para as crianças mais sensíveis? Acho que, se a gente consegue integrá-las na média, mais do que educando estará é violentando uma parte boa delas. Você não acha?

M-2 – Não acho, não. Se a escola conseguir formar e aprimorar sensibilidades, você acha que depois, na vida aqui de fora, haverá a mesma compreensão para os sensíveis? Essa não. Não é o mundo que tem que se adaptar às pessoas. Elas é que têm que se adaptar ao mundo.

A-T – *Estava na hora de saltar. Desci feliz. Uma conversa como esta, de duas professoras, mostra que o mundo pode ser salvo. Mas fiquei pensando: talvez sejam os meninos tristes que o salvarão, sempre que a escola, um dia, os entenda e aprenda a cuidar-lhes sensibilidade e emoção da mesma maneira que se lhes aprimora a inteligência.*

Mas pedagogias à parte: haverá algo mais apatetante, culposo e dolorido que menino de olho triste?

(Fonte: Artur da Távola. Mevitevendo (Crônicas). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996: 25-27)

CRÔNICA 2

A mentirosa liberdade

"Liberdade não vem de correr atrás de 'deveres' impostos de fora, mas de construir a nossa existência" Comecei a escrever um novo livro, sobre os mitos e mentiras que nossa cultura expõe em prateleiras enfeitadas, para que a gente enfie esse material na cabeça e, pior, na alma – como se fosse algodão-doce colorido. Com ele chegam os medos que tudo isso nos inspira: medo de não estar bem enquadrados, medo de não ser valorizados pela turma, medo de não ser suficientemente ricos, magros, musculosos, de não participar da melhor balada, do clube mais chique, de não ter feito a viagem certa nem possuir a tecnologia de ponta no celular. Medo de não ser livres.

Na verdade, estamos presos numa rede de falsas liberdades. Nunca se falou tanto em liberdade, e poucas vezes fomos tão pressionados por exigências absurdas, que constituem o que chamo a síndrome do "ter de". Fala-se em liberdade de escolha, mas somos conduzidos pela propaganda como gado para o matadouro, e as opções são tantas que não conseguimos escolher com calma. Medicados como somos (a pressão, a gordura, a fadiga, a insônia, o sono, a depressão e a euforia, a solidão e o medo tratados a remédio), cedo recorremos a expedientes, porque nossa libido, quimicamente cerceada, falha, e a alegria, de tanta tensão, nos escapa.

Preenchem-se fendas e falhas, manchas se removem, suspendem-se prazeres como sendo risco e extravagância, e nos ligamos no espelho: alguém por aí é mais eficiente, moderno, valorizado e belo que eu? Alguém mora num condomínio melhor que o meu? Em fileira ao longo das paredes temos de parecer todos iguais nessa dança de enganos. Sobretudo, sempre jovens. Nunca se pôde viver tanto tempo e com tão boa qualidade, mas no atual endeusamento da juventude, como se só jovens merecessem amor, vitórias e sucesso, carregamos mais um ônus pesadíssimo e cruel: temos de enganar o tempo, temos de aparentar 15 anos se temos 30, 40 anos se temos 60, e 50 se temos 80 anos de idade. A deusa juventude traz vantagens, mas eu não a quereria para sempre: talvez nela sejamos mais bonitos, quem sabe mais cheios de planos e possibilidades, mas sabemos discernir as coisas que divisamos, podemos optar com a mínima segurança, conseguimos olhar, analisar e curtir – ou nos falta o que vem depois: maturidade?

Parece que do começo ao fim passamos a vida sendo cobrados: O que você vai ser? O que vai estudar? Como? Fracassou em mais um vestibular? Já transou? Nunca transou? Treze anos e ainda não ficou? E ainda não bebeu? Nem experimentou uma maconhazinha sequer? E um Viagra para melhorar ainda mais? Ainda aguenta os chatos dos pais? Saiba que eles o controlam sob o pretexto de que o amam. Sai dessa! Já precisa trabalhar? Que chatice! E depois: Quarenta anos ganhando tão pouco e trabalhando tanto? E não tem aquele carro? Nunca esteve naquele resort?

Talvez a gente possa escapar dessas cobranças sendo mais natural, cumprindo deveres reais, curtindo a vida sem se atordoar. Nadar contra toda essa louca correnteza. Ter opiniões próprias, amadurecer, ajuda. Combater a ânsia por coisas que nem queremos, ignorar ofertas no fundo desinteressantes, como roupas ridículas e viagens sem graça, isso ajuda. Descobrir o que queremos e podemos é um bom aprendizado, mas leva algum tempo: não é preciso escalar o Himalaia social nem

ser uma linda mulher nem um homem poderoso. É possível estar contente e ter projetos bem depois dos 40 anos, sem um iate, físico perfeito e grande fortuna. Sem cumprir tantas obrigações fúteis e inúteis, como nos ordenam os mitos e mentiras de uma sociedade insegura, desorientada, em crise. Liberdade não vem de correr atrás de "deveres" impostos de fora, mas de construir a nossa existência, para a qual, com todo esse esforço e desgaste, sobra tão pouco tempo. Não temos de correr angustiados atrás de modelos que nada têm a ver conosco, máscaras, ilusões e melancolia para aguentar a vida, sem liberdade para descobrir o que a gente gostaria mesmo de ter feito.

(<http://cronicaspensamentosafins.blogspot.com/2010/07/mentirosa-liberdade-lya-luft.html>*. 21 de abril de 2017)*

1.5. Editorial

O editorial é um texto jornalístico argumentativo, que expressa a posição do veículo de comunicação em relação a algum fato, a algum assunto polêmico, de destaque. É o que mais se assemelha à dissertação cobrada em concursos públicos e vestibulares, por apresentar uma estrutura mais rígida, mais padronizada, como, por exemplo, a linguagem impessoal, objetiva, com a predominância de verbos e pronomes flexionados na terceira pessoa do discurso e preferência por termos utilizados em seu sentido denotativo.

Com relação à estrutura, segue o mesmo padrão dos textos argumentativos: introdução apresentando a tese, desenvolvimento fundamentando a tese por meio de argumentos e conclusão retomando a tese associada ao que foi desenvolvido. Veja um exemplo!

Crise força o fim do injusto ensino superior gratuito

Os alunos de renda mais alta conseguem ocupar a maior parte das vagas nos estabelecimentos públicos, enquanto aos pobres restam as faculdades pagas.

Numa abordagem mais ampla dos efeitos da maior crise fiscal de que se tem notícia na história republicana do país, em qualquer discussão sobre alternativas a lógica aconselha a que se busquem opções para financiar serviços prestados pelo Estado. Considerando-se que a principal fórmula usada desde o início da redemocratização, em 1985, para irrigar o Tesouro – a criação e aumento de impostos – é uma via esgotada.

Mesmo quando a economia vier a se recuperar, será necessário reformar o próprio Estado, diante da impossibilidade de se manter uma carga tributária nos píncaros de mais de 35% do PIB, o índice mais elevado entre economias emergentes,